

# +mmuseu

Boletim do Museu Municipal de Palmela | n.º 23 - maio/outubro 2021

## Editorial

Assinala-se a 18 de maio, data de lançamento deste Boletim, o Dia Internacional dos Museus que, este ano, propõe uma reflexão sobre «O futuro dos museus: recuperar e reimaginar» (ICOM). Como retomar ou gerar novas práticas nos museus para responder aos desafios inigualáveis que se nos colocam? As respostas à pandemia que nos surpreendeu foram, globalmente, díspares, dadas em tempos também eles diferentes, revelando muito de nós, enquanto sociedade, e expondo as nossas forças e fragilidades. Podemos esperar – e assistimos já – a alterações profundas nos modos de fazer e de pensar, com impactos muito para lá dos efeitos do vírus na saúde.

Neste número, destacamos, precisamente, a forma como os serviços educativos reagiram às repercussões da pandemia, num artigo que contou com a colaboração de entidades e personalidades nacionais. Uma narrativa que procura sintetizar o impacto destes últimos meses, onde o medo de trabalhar para o vazio surge de forma evidente, perante a invisibilidade dos públicos.

Voltamos, também, a falar de Janelas, desta feita para dar conta dos novos vãos, recentemente descobertos, na fachada da Igreja da Misericórdia de Palmela, uma das mais antigas do país, fundada em 1529, e que está a ser alvo de uma intervenção de conservação e restauro. A partir de uma leitura arqueológica, após a remoção do reboco das paredes, foi possível obter nova informação sobre a história do edifício que teve, entre outras funções, a de hospital.

A arqueologia dá-nos, igualmente, nota do resultado de uma intervenção arqueológica decorrida em 2008, no Casal da Cerca, que se constitui como a mais antiga ocupação humana documentada na área urbana da vila Palmela, desde o Paleolítico Médio.

No âmbito do Património Local, apresentamos a nova maleta pedagógica dedicada a Hermenegildo Capelo, lançada a 4 de fevereiro em formato *on-line*, e no dia 6 de maio, numa sessão presencial no Cine-Teatro S. João, que contou com João Catarino, docente e rosto do documentário «De Angola à Contracosta», e Luísa Ferreira Nunes, docente, autora e cientista exploradora. Em simultâneo, o Município tem patente no Espaço Cidadão, no Centro Histórico de Palmela, a exposição temporária «Hermenegildo Capelo, Naturalista», que contou com o apoio do Museu de Marinha, do Laboratório Nacional de Energia e Geologia e do Museu Nacional de História Natural e da Ciência, da Universidade de Lisboa.

Não podemos terminar sem escrever sobre a exposição «Guerreiros e Mártires. A Cristandade e o Islão na Formação de Portugal», organizada pelo Museu Nacional de Arte Antiga – uma extraordinária composição museográfica que contou com peças do nosso Museu.

A próxima edição deste boletim sairá em novembro. Até lá, votos de boas leituras e de oportunidades para desfrutar do nosso Património, em segurança!

O Presidente da Câmara



Álvaro Manuel Balseiro Amaro



## Em investigação...

### Uma intervenção patrimonial integrada na Igreja da Misericórdia de Palmela – A abordagem arqueológica

A Misericórdia de Palmela, uma das mais antigas do país, fundada em 1529, ocupou um edifício medieval, o Hospital do Espírito Santo, descrito na Visitação da Ordem de Santiago de 1510 como: «*uma casa grande térrea, de pedra e cal, e tem no meio um esteio de pedra e cal e é coberta de telha vã. [...] E além desta casa está uma casa térrea pequena, de pedra e cal, coberta de telha vã*» (Pinho, 2012:154-157 e 251; Ramos, 2011:92 e Lucas, 2011:61). Inicialmente, a capela da Misericórdia ocupou esta casa térrea pequena (a casa onde vivia o/a hospiteiro/a), com fachada simples, sem ornamentos e com poucos vãos (Ramos, 2011:93).

Na generalidade, estes espaços, instituídos durante o séc. XVI, recebem obras profundas de remodelação, permitindo-lhes gerir as suas actividades e desempenhar as suas funções caritativas e devocionais. Através de documentação referente a Palmela é mencionada uma construção de raiz no lugar da anterior ermida de invocação ao Espírito Santo que «*por ser pequena se derribou e tornara a fazer de novo, acrescentando-se e fazendo-a maior*» (Pinho, 2012:159; Serrão e Meco, 2007:221), mas que a presente intervenção, à luz dos novos dados, parece contrapor.

A fachada da igreja que hoje observamos é o resultado de um conjunto de alterações impressas no edifício ao longo do tempo. São disso exemplo: a introdução de um portal de pedra novo e a construção de uma sobreloja com sobrado de pinho, onde se recolhia a 'espiritaleira' (Lucas, 2011:62), que os visitantes registaram na visita de 1534, referindo que "(...), *na casa grande do esteio, se fez um portal de pedraria novo [...]*" (Fortuna, 1990:74); o portal maneirista de mármore branco, que tem inscrita a data 1566 (ano em que terão terminado as obras avultadas do espaço religioso) e, posteriormente, as profundas obras de reconstrução da frontaria que decorreram entre 1732-1734 (Fortuna, 1990: 177-180) ou outras promovidas no final do séc. XIX, para conter a ameaça de ruína das paredes.

No interior subsiste o revestimento integral de azulejaria policroma seiscentista e o retábulo barroco. Hoje, o templo evidencia a reconstrução quinto-joanina, fidelizada pela primitiva estrutura quinhentista nas suas dimensões, na disposição espacial e pela decoração seiscentista (Serrão e Meco, 2007: 222-223).

A Santa Casa da Misericórdia de Palmela promoveu recentemente obras de conservação e restauro no monumento e de alguma escultura, que permitiram realizar uma leitura arqueológica, após a remoção do reboco das paredes, obtendo-se informação importante sobre a história do edifício.

Observou-se na desmontagem parcial do retábulo que cobre a parede nascente do altar-mor,

uma parede talhada na rocha local com inúmeros entalhes, deixando visível o seu 'esqueleto' e os possíveis negativos de fixação do primitivo retábulo da igreja, do qual não existem outros vestígios (Fig. 1).



Fig. 1 – Pormenor do tardo do altar e dos vestígios para a fixação do primitivo retábulo



Fig. 2 – Aspecto dos possíveis agulheiros do antigo coro, escondidos pelos painéis de azulejos



Na parede lateral esquerda, junto à entrada, registaram-se alguns negativos ou ocós que poderão corresponder aos possíveis ‘agulheiros’ que suportavam o coro, estrutura que sabemos

ter existido em 1631, conforme requerimento do Arcebispo de Lisboa que o determina como lugar de assento dos irmãos da Misericórdia (Fortuna, 1990: 188) (Fig. 2). É muito provável que este coro tenha



Fig. 3 – Sobreposição, à escala, sobre a fachada da igreja, dos elementos arquitectónicos recentemente identificados. 1 - «Janelas de Pilatos» (?); 2 - Vão em tijoleira; 3 - Campanário

sido desmontado poucos anos depois, atendendo que os painéis de azulejos tipo ‘tapete’, com o vulgar padrão de maçaroça (branco, azul e amarelo), revestiram as paredes em meados do séc. XVI.

A principal surpresa surgiu com a remoção do reboco antigo no exterior da fachada, que escondia alguns elementos arquitectónicos do edifício de quinhentos. Registaram-se duas grandes janelas quadradas (com 1,15 m de vão), laterais à entrada maneirista, bastante rebaixadas, com a base ao nível do rodapé. A cantaria é feita em arenito local, uma rocha de fraca qualidade, apresentando o característico chanfro com remate saliente, próprio de muitas cantarias de inícios do séc. XVI (Fig. 3 - 1).

Serão as designadas «janelas de Pilatos» utilizadas nas celebrações do «*Ecce Homo*» na Semana Santa (Pinho, 2012: 316)? Estes dois elementos foram anulados, provavelmente durante as obras de reconstrução da frontaria, entre 1732-1734.

O revestimento da parede interna (na área exacta destes vãos) com dois novos paramentos azulejares de padrão azul e branco, e motivos florais, com estrelas nos cantos, parece reforçar este aspecto (Fig. 4).

Sobre a janela do lado esquerdo identificou-se uma antiga abertura, também emparedada, construída em tijolo e tijoleira tradicional, também com as arestas chanfradas e lintel arqueado, contemporânea da fase inicial da Misericórdia (Fig. 3 - 2). Desconhecemos a funcionalidade deste vão, mas apontamos a hipótese de estar associado ao edifício do Hospital do Espírito Santo e de ter sido encerrado nos primeiros anos do séc. XVII. Veja-se a referência que nos diz que, em 1552, o hospital se situava no meio da vila anexo à Misericórdia e tinha uma casa boa com uma janela a poente (Lucas, 2011: 62 e Ramos, 2011: 93).

Na parte superior da fachada, abaixo do frontão curvo erigido no final do séc. XIX, identificámos as marcas da linha do telhado antigo de duas águas que rematava no topo da fachada.

Quando pensávamos ter registado todos os elementos existentes, fomos novamente surpreendidos, ao olhar para o topo do cunhal esquerdo, com a presença do que parecia desenhar



Fig. 4 – Painel de azulejos, da primeira metade do séc. XVIII, a tapar um dos vãos das supostas «janelas de Pilatos»

um antigo pequeno campanário (Fig. 3 - 3). A sua existência é desconhecida nas transcrições das visitas da Ordem. Contudo, sabemos que em 1836, quando a igreja da Misericórdia desempenhava as funções de paróquia da igreja de Santa Maria do Castelo, o sino danificou-se (Pinho, 2012: 287-288) e foi deliberada a descida dos dois sinos desta igreja do castelo para a da Misericórdia (Fortuna, 1990: 180-181).

O presente texto resulta da colaboração do Museu Municipal com o promotor dos trabalhos e a equipa de conservação e restauro que interveio neste espaço, contribuindo com novos dados para a história da capela da Misericórdia de Palmela.

*Michelle Teixeira Santos  
Miguel Correia*

*Arqueólogos do Museu Municipal de Palmela  
(Os autores não seguem as normas do novo AO)*

#### **Referências Bibliográficas:**

- FORTUNA, A. M. (1990) - Misericórdia de Palmela: vida e factos. Palmela: Santa Casa da Misericórdia de Palmela.
- LUCAS, I. (2011) – As Ermidas da Ordem de Santiago nas Visitações de Palmela do Séc. XVI, *Colecção Ordens Militares 5*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela / GESOS, pp. 60-63.
- PINHO, J. (2012) – As Casas da Misericórdia: confrarias da Misericórdia e a arquitectura quinhentista portuguesa. Vol. 1. Dissertação de Doutoramento em História, Especialidade História de Arte, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, orientada pelo Professor Doutor Fernando Grilo.
- RAMOS, M. (2011) - As Igrejas de Palmela nas Visitações do séc. XVI. Rituais e Manifestações de Culto, *Colecção Ordens Militares 4*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela / GESOS, pp. 92-97.
- SERRÃO, V. e MECO, J. (2007) – Palmela Histórico-Artística, um inventário do património artístico concelhio. Lisboa/Palmela: Edições Colibri / Câmara Municipal de Palmela.

## Em destaque...

### Serviço Educativo: Linha do tempo. 2020/2021 Experiências em tempo(s) de confinamento



Começámos assim...

9 de março de 2020,

«Bom dia!

Foi definido um Plano de Contingência da autarquia para o Coronavírus – COVID 19 (...). Esse plano determina a definição prévia de espaços de quarentena em cada local de trabalho.»

12 de março de 2020,

«Fomos informados de que todas as atividades com público estão canceladas até, pelo menos, domingo. Ao dia de hoje (sexta-feira) teremos mais orientações.»

13 de março de 2020,

«Boa tarde,

Consequência do contexto que estamos a viver, e da necessidade de diminuir o número de reuniões, cancelamos a nossa de segunda-feira. Brevemente retomaremos em força!»

16 de março de 2020,

«Olá.

Obrigada. Que seja um tempo de cuidado coletivo. Vai passar!»

01 de abril de 2020,

«Boa tarde a todos. Espero que estejam bem. Algumas pessoas têm perguntado sobre data previsível de regresso à normalidade.

Infelizmente não conseguimos responder e, previsivelmente, não estaremos a trabalhar nos locais habituais pelo menos até dia 9. O futuro depende da evolução da pandemia e estamos reféns desta situação.

De qualquer forma, agradeço o empenho e a flexibilidade que têm demonstrado para trabalhar de forma diferente. É importante que nos mantenhamos ativos e que possamos até aproveitar esta suspensão do habitual para fazermos o que, no dia-a-dia, não teríamos disponibilidade. Vamos seguindo juntos, dando o melhor que conseguimos.»

24 de abril de 2020,

«Bons dias,

Segue o link para o zoom:

Entrar na reunião Zoom

Caso não funcione tentamos o Teams.»

E continuámos assim...

14 de janeiro de 2021

«Como é do vosso conhecimento, estamos em Confinamento decretado pelo governo, cujo Diploma 6-A/2021 prevê o encerramento dos espaços culturais e, em casos em que é possível, a obrigatoriedade do teletrabalho. (...)

As Bibliotecas e os espaços Museológicos no castelo encerram já a partir de dia 15, até dia 30 de janeiro, sendo que é previsível que o confinamento se



prolongue até melhoria substancial da situação epidemiológica no país. (...) Vamos manter presença com o serviço educativo em projetos na escola; com o lançamento *online* da nova maleta pedagógica sobre Hermenegildo Capelo, no dia 4 de fevereiro, e recuperar as sugestões semanais *online* do Ler, Ver e Ouvir, e promover, também de forma digital, a Hora do Conto.

Iremos também iniciar um novo serviço de Empréstimo de Livros ao Domicílio. Pretendemos, com este projeto, dar resposta às necessidades da comunidade, indo ao seu encontro. (...)

Termino sublinhando o objetivo deste confinamento: reduzir os contactos para prevenir o contágio.

De acordo com o Infarmed, se continuarmos com este registo, o número de infetados no final do mês será de 37 000 por dia. Embora existam vários pretextos para sairmos de casa, cabe a cada um de nós adotar uma atitude responsável, evitando deslocações desnecessárias. Somos todos verdadeiramente importantes para travar a pandemia.

Bom trabalho, e saúde!»

Reabrem: Bibliotecas. Escolas.  
Museus - março e abril de 2021

## Palavras que marcam um tempo. Que fazem história e constituem memória.

A invisibilidade de um vírus, que a maioria desconhecia, obrigou o mundo a abrandar. A vida, tal como a conhecíamos, mudou. Estas palavras, escritas em 2021, já não são novas. São comuns na linguagem escrita e falada. Fala-se e escreve-se sobre uma nova realidade. Uma nova forma de estar e de viver. Há quem sinta que o tempo parou e que a vida está suspensa. Há quem sinta e verbalize que tem a ilusão de que o tempo está mais veloz. Há quem diga que um ano parece ter a duração de um século. Há formas de pensar, de sentir, de estar e de viver tão distintas quanto o número de pessoas que habitam o planeta. Há esperança no futuro.

Vou centrar-me numa realidade concreta: os Serviços Educativos. Sejam Serviços Educativos de museus, de bibliotecas, de galerias de arte, de entidades públicas ou privadas, há algo análogo a todos.

A vontade de continuar a comunicar com o público. A necessidade de estar em atividade. A determinação de fazer acontecer. A frustração por não ter os meios adequados. A dificuldade de não saber como fazer. A incerteza se agradará ao público. A angústia por não dominar alguns conteúdos, nomeadamente, os digitais. A insegurança quando confrontados com novas aprendizagens. O zelo profissional. A insatisfação por demorar mais

tempo do que aquele que cada um idealiza para a realização de um determinado conteúdo. A tristeza por não receber, no imediato, o sentir e a reação do público. O medo de trabalhar para o vazio. A esperança de voltar à antiga forma de fazer. A alegria de conseguir fazer algo pela primeira vez. A raiva pelo desconhecido e pela incerteza dos dias seguintes. O amor à cultura, ao património, às pessoas, aos lugares, à vida. A saudade. A ausência. A presença. A vontade de continuar. A descoberta de novas formas de fazer. A oportunidade de alcançar outros públicos. A formação. A investigação com mais tempo. A produção de novos conteúdos. O trabalho de bastidores sempre tão invisível, mas fundamental, essencial e vital para aquilo que o público consome. O cansaço. A motivação. A desmotivação. O *stress*. O teletrabalho. O trabalho. A (in)existência de lazer. Os espaços de casa que se misturam com os espaços de trabalho. A escola em casa. A solidão. A doença. A preservação da saúde. A vida a acontecer.

É uma mistura de sentimentos, de tarefas e de emoções, tudo a acontecer no mesmo espaço e tempo. Foi e continua a ser uma aprendizagem coletiva. E tal como escreveu o poeta Sebastião da Gama «Pelo sonho é que vamos. Chegamos? Não chegamos? Partimos. Vamos. Somos.»

Este artigo reflete a minha experiência pessoal e profissional e o sentir de outros profissionais da área a quem pedi que partilhassem a sua experiência.

Com intenção de compreender as diferentes realidades nacionais, enviei três questões de base para equipas de Serviço Educativo de norte a sul e ilhas de Portugal.

As três questões que sustentam esta reflexão:

1. Que estratégias encontraram e estão a utilizar, em tempos de confinamento, para manterem atividade e a comunicação com o público?
2. Quais as maiores dificuldades encontradas neste processo?
3. Conseguem medir o impacto das estratégias utilizadas?

## Cancelar? Adiar? Suspender? Ajustar. Reinventar. Esperar. Confiar. Acreditar.

Em suma, são estas as palavras-chave que refletem um sentir comum. Exceção feita para as entidades que, por motivos de obras ou de escassez de recursos humanos, viram a sua programação com o público suspensa na totalidade, todas as demais conseguiram manter-se em atividade.

A resposta mais imediata foi o ajuste da comunicação em plataformas digitais, por via das redes sociais de cada entidade ou do município onde estão inseridas.

Debruço-me na etimologia da palavra para melhor compreender o meu e o sentir destes profissionais.

**con-fi-nar** (*confim+ar*)

*verbo transitivo e intransitivo*

Estar limitofre; ter limite comum. = CONFRONTAR <sup>1</sup>

Aconteceu. Ficámos limitados num espaço, confrontando-nos com o desconhecido. E, em Palmela, a abraçar algo novo. No ano de 2020 com a junção de duas unidades orgânicas – a Divisão de Bibliotecas e a Divisão de Património Cultural – nasce a Divisão de Bibliotecas e Património Cultural. Por consequência surge uma nova equipa de Serviço Educativo do Museu e da Biblioteca do Município de Palmela. Esta equipa ainda só conhece esta forma de trabalhar. Ainda nunca nos reunimos todos no mesmo espaço físico. Mas existimos. Somos. Tecemos ideias. Criamos laços. Lançamos desafios. Desafiarmo-nos. Reinventamo-nos. Frustramo-nos. Ajustamos. Esperamos. Sonhamos. Aprendemos. Desiludimo-nos. Confiamos. Apoiamo-nos. Seguimos trilhos diferentes num caminho comum: o de servir a comunidade.

Foi preciso rendermo-nos às evidências da pandemia. Foi e continua a ser preciso reinventarmos-nos. Fazermos ajustes diários. Esperar. Confiar e Acreditar que conseguimos manter uma relação de proximidade com a comunidade que servimos. E vamos, com muita calma e subtileza, aprendendo que menos é mais, que conseguimos ir mais além e mais longe pela via digital. Nada substitui o contacto direto e uma experiência no local. Porém, as palavras do diretor do Museu Nacional de Arte Antiga, quando refere «*Não tiramos muitas coisas positivas [da pandemia], a não ser a capacidade de algumas áreas do museu se reinventarem, como as áreas educativas*», são determinantes para a análise. <sup>2</sup>

Há entidades que assumem que as ofertas digitais passarão a constar na sua programação permanente. E eu defendo isso também. Acredito

que mais do que limitar, estes períodos de confinamento têm-nos permitido alargar as possibilidades de comunicarmos com o público. As dificuldades e a resistência existem, são legítimas, válidas e necessárias para qualquer processo de transformação. Apesar de tudo isso, e da necessidade veloz de aprender a dominar novas ferramentas e metodologias de trabalho, reconheço vantagens nalgumas situações. Num curto, mas intenso período de tempo, fomos capazes, em equipa, de nos reinventar e de fazer acontecer, entre outros, os projetos que refiro como exemplo: o espetáculo de Natal «O Natal no convento da Arrábida», que incluiu tradução em Língua Gestual Portuguesa e áudio descrição, o que possibilitou alcançar um público para o qual não tínhamos reposta adequada; a Hora do Conto – *online*, que inclui tradução em Língua Gestual Portuguesa; a iniciativa “365 dias de Romance – conversa literárias” – que por via da sua transmissão em direto através das redes sociais do Município de Palmela, permitiu a visualização a mais pessoas, comparando com o n.º de pessoas permitido no local; o projeto em que participámos a convite do agrupamento de escolas de Palmela, designado «Nós, um livro e uma história», que nos permitiu contar histórias além-fronteiras; a produção de novos recursos pedagógicos, como são exemplos a maleta e exposição temporária sobre Hermenegildo Capelo; a exposição «*De Palmela ao Poceirão - Uma viagem arqueológica*» e a requalificação de atividades do museu municipal.

A estratégia foi semelhante a nível nacional e com enorme apreço para com todos os contributos recebidos, ilustro-a com as palavras recebidas pelo Museu de Leiria, «*paralelamente às páginas de Facebook de cada espaço cultural, apostar na divulgação de conteúdos específicos (visitas guiadas online, visitas virtuais 3D, incentivo à realização de algumas oficinas pedagógicas em casa, performances educativas e culturais no âmbito de exposições e programação cultural vigente, filmes atualizados sobre*



História com Estórias para crescer e aprender – um programa, exclusivo, em formato digital que reuniu conteúdos literários e patrimoniais, convidando a criança a descobrir aspetos da fauna, da flora, do património material e imaterial da Serra da Arrábida, através de uma leitura encenada e desafios propostos.



Uma das atividades mais solicitadas pelo público escolar ficará disponível em vídeo, incluindo Língua Gestual Portuguesa.

as áreas do património e arqueologia municipais, leituras encenadas, etc.). Estamos a equacionar também a viabilidade de realização de algumas conferências em streaming e via Zoom».

Numa pesquisa pelas casas digitais de outros museus e bibliotecas é possível perceber que esta «nova realidade» passará a fazer parte da ementa cultural, tal como refere Paulo Frias do Museu Carlos Machado, quando evidencia que «em jeito de balanço, estamos contentes por agora termos um melhor domínio nos conteúdos que produzimos e pela estratégia criada, no entanto é algo que muda de minuto a minuto, hora a hora. Algumas vezes, as atividades são um sucesso tremendo, noutras ficam aquém das nossas expetativas. A maneira que trabalhamos agora é diferente da maneira que trabalhávamos há algum tempo atrás, o que nem sempre é fácil para todos, cria tensões e dinamismos diferentes».

Há até quem faça nascer novos museus para lembrar este tempo, como é o caso da Universidade Livre de Bruxelas que abre o «Museu Temporário do Confinamento», como forma de atenuar o clima de ansiedade gerado pela crise global da pandemia.

Desde instalações e quadros que relembram os receios surreais da escassez de papel higiénico, às impressoras 3D frequentemente usadas nos tempos de pandemia, o museu reúne uma vasta e curiosa panóplia de obras e objetos.

**Zoe Castermans**, estudante: «Há muita emoção, revivemos tudo aquilo por que passámos e continuamos a passar mas, ao mesmo tempo, com uma nota de esperança. Vemos que tem lugar num museu, por isso conseguimos rir com isso e ver as coisas

numa perspetiva diferente, tal como o famoso papel higiénico... Por isso, é uma coisa boa, há otimismo.»

**Nathalie Levy, curadora das exposições na Universidade Livre de Bruxelas:** «Gostávamos que as pessoas, quando passeiam pela exposição, se lembrassem das emoções que todos sentimos, tudo aquilo que temos em comum.»<sup>3</sup>

## Qual é o impacto?

Temos uma perceção, mas a verdade é que não existe uma única resposta. Desconhecemos, ainda.

Querer mensurar aquilo que se faz é um procedimento regular, mas será realmente possível medir qual é o impacto de tudo isto que escolhemos fazer para mantermos a nossa atividade profissional e a comunicação com o público?

Interpretando todas as respostas onde incluo a realidade de Palmela, é comum à maioria que uma das formas de medir o que se tem feito, será através do n.º de visualizações, de novos «gostos» ou novos «seguidores» nas redes sociais. Mas um clique num vídeo não nos dá garantias de que a pessoa usufruiu da mensagem. É impossível perceber ou intuir o que sentiu quando não há qualquer retorno. No entanto, tal como explica Andreia Martins, profissional de museus «quando os museus fazem lives ou webinars, há reações imediatas, há comentários, podem colocar questões, opinar. Se pensarmos no contexto de mediação cultural (real) também podemos estar, por exemplo, a fazer uma visita e do outro lado estar alguém que nem nos está a ouvir. Podemos também não ter reação, mesmo colocando questões ou



*interagindo. Quantas vezes já nos aconteceu ter uma pessoa num grupo e não perceber se efetivamente gostou/não gostou, sentiu/não sentiu, fez pensar/não fez, leva uma experiência que a marcou de forma positiva ou não? Mas claro, nada substitui a experiência real, a epifania provocada pelo contacto direto com a arte e o património cultural. O digital deve ser sempre um complemento (importante), que deverá ficar e ter relevância no presente e futuro dos museus e da mediação cultural. Só de pensarmos que alguém de longe (geograficamente) ou com limitações físicas pode estar perto, já ganhámos público! E poderão ser em muito maior número do que o que o espaço físico comporta, numa visita, num concerto, num evento. Podemos chegar a muitos mais... claro que aqui vem o desconhecido: Quem serão estes públicos? Quem viu? Quem participou? Toda uma realidade nova a explorar...».*

É aceitar que trabalhamos a invisibilidade das experiências. Sem criar expectativas. Cumprindo a missão do serviço que prestamos, sem a pressa(ão) para avaliar, mas valorizando e enriquecendo continuamente a função do Ser.

Com base nos acontecimentos, considero útil uma reflexão conjunta por parte dos profissionais da área, no sentido de descobrimos qual a melhor forma de estimar e apresentar estes dados estatisticamente, sem aumentar o nível de *stress*, a frustração e a desmotivação nas equipas, porque é um facto de que há uma forte redução do número de visitantes, de receitas e de reconhecimento do público. Voltando a utilizar as palavras de Paulo Frias «*Sinto a minha equipa forte, coesa, mas muito mais cansada e stressada. Torna-se necessário, para além de uma gestão de trabalho, uma gestão mental e emocional de cada um dos colegas na equipa.*»

Mas a oferta digital veio para ficar. Quem o sublinha também é Andreia Dias da Gulbenkian. Diz-nos que «*serve para fazer aquilo que ainda nunca fizemos e permite alcançar públicos a nível internacional.*».

A mediação cultural, mesmo que se teça em teias invisíveis, acontece diariamente. Importa reconhecer. É vital que cada pessoa se valorize e reconheça a importância do seu contributo, competências e habilidades socioemocionais, para o grupo onde se insere profissionalmente. Acredito que é essa a chave-mestra do bem-estar emocional, no contexto profissional. Termino com as palavras escritas por António Pinto Ribeiro, Investigador e programador cultural do projeto «Memoirs» no Centro de Estudos Sociais da

Universidade de Coimbra, quando refere que «*no processo de reconstrução que teremos de atravessar, individual e colectivamente, os mediadores culturais, nas organizações artísticas e de ciência, serão fundamentais para, apesar da reserva, da decepção, da descrença e do medo que nos últimos tempos se fazem sentir, facilitar este regresso ao enigma estimulante que são as artes e a cultura, ao desejo e ao prazer de as reencontrar e viver. É uma tarefa constante, para a qual precisamos, e muito, de mediadores. O mediador não pode ser considerado um mero complemento escolar ou um promotor do marketing das actividades culturais, ou um agente que se vai buscar ocasionalmente para um contexto específico. O mediador é um elo cultural fundamental, agrega públicos, descodifica o que parece inacessível (e muitos museus são ainda hoje intimidantes para muitos públicos) para que aconteça o impacto emocional que uma obra pode provocar, e para que esta chegue a todos, para que o olhar crítico e o prazer da arte sejam de todos e perceptíveis para todos. Permitir a acessibilidade do cultural a quem o desejo não acontece por si só, são múltiplos os intervenientes, e o reconhecimento do mediador cultural é fundamental neste processo.*»

Sandra Abreu Silva, Animadora Sociocultural  
Coordenadora do Serviço Educativo do Museu  
e Biblioteca do Município de Palmela

Agradeço a gentileza por colaborarem, às seguintes equipas/pessoas:

Ao Museu Municipal de Faro;  
Ao Museu Regional do Algarve;  
Ao Museu Municipal de Leiria;  
Ao Museu Regional de Beja;  
Ao Museu de História Natural do Funchal, Madeira;  
Ao Museu Municipal de Sesimbra;  
Ao Museu Municipal de Vale de Cambra;  
À Divisão de Bibliotecas e Museus de Setúbal;  
Ao Serviço Educativo do Município de Mirandela;  
Ao Museu Carlos Machado, Ilha de S. Miguel, Açores;  
À equipa da Casa da Avenida, Setúbal;  
Ao Museu da Graciosa, Açores;  
À Andreia Dias do Museu Calouste Gulbenkian;  
À Andreia Martins, profissional de Museus e Mediação Cultural;  
À equipa do Serviço Educativo do Município de Palmela.



Serviço Educativo  
do Museu e Biblioteca  
Município de Palmela

# Património Local...

## O Povoado Pré-Histórico do Casal da Cerca (Largo de S. João, Palmela) – Resultados da Intervenção Arqueológica de 2008

Descoberto pelo arqueólogo Bandeira Ferreira, em 1952, o Casal da Cerca (Quinta da Cerca, Largo de S. João) é um extenso povoado aberto, que se estabeleceu numa plataforma com cerca de 3 ha, com amplo domínio visual sobre a planície aluvionar do Tejo. Constitui a mais antiga ocupação humana documentada na área urbana da vila de Palmela, com evidências do Paleolítico Médio que precederam o povoado do 6.º e meados do 5.º milénio a.n.e., no intervalo temporal de 5226-4957 cal BC a 2 sigma (Silva e Soares, 2014).



Fig. 1 – Área urbana de Palmela com a localização do povoado do Casal da Cerca (a vermelho). Arquivo Municipal

Presentemente, o Largo de S. João é um espaço repleto de vida urbana, cujo projecto de remodelação e requalificação, executado em 2008, determinou a realização de uma intervenção arqueológica de salvaguarda, através de um conjunto de sondagens, por meio mecânico e manual, e o acompanhamento da obra para o registo e a minimização de impactes sobre o património arqueológico. Os resultados destes trabalhos comprovaram que o povoado do Neolítico antigo evolucionado foi muito destruído pela expansão urbana, registando perturbações profundas nos solos que continham os vestígios dos primeiros habitantes de Palmela, que aqui se fixaram e exploraram o território em busca de abrigo, alimento e matérias-primas necessárias à sua sobrevivência.

As primeiras escavações de salvamento realizadas pelo Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal (MAEDS), numa área muito circunscrita e periférica, entre 1987 e 1996, anteriores à construção da Escola Básica Joaquim José de Carvalho, foram determinantes para o conhecimento que hoje possuímos sobre este espaço. Revelaram que terá sofrido uma ocupação relativamente estável e permanente, com a presença de abundante cerâmica decorada, com motivos impressos, incisos e plásticos, característica do Neolítico antigo evolucionado e uma indústria lítica produzida localmente, em que os projecteis se encontravam escassamente representados (Soares e Silva, 2008). A utensilagem em pedra polida e bujardada é muito incipiente, de carácter experimental, em consonância com a iniciação à agro-pastorícia (Silva e Soares, 2014).

Em 2008, na área de intervenção, abaixo do pavimento e superfície actual, registou-se o sedimento arenoso de cor cinzenta escura (U.E.3), correspondente ao nível arqueológico do Neolítico antigo, com a presença de material cerâmico e de artefactos em pedra lascada. Seguido do nível arenoso de cor amarela (U.E. 4), em que observamos a presença de alguns seixos de quartzo e quartzito e a presença de alguns



artefactos em pedra lascada (lascas, núcleos e seixos talhados), ao que J. Soares e C. T. da Silva, associam a ocupação do Paleolítico Médio (Silva e Soares, 2014).

Sequencialmente, sucedem-lhe os estratos geológicos, nomeadamente as margas vermelhas (muito pontuais) ou amarelas e a base rochosa de calcoarenito do Miocénico. A rocha é muito irregular com bastantes depressões de natureza cársica, usadas «(...) durante a ocupação neolítica, como fossas de detritos, aspecto que reforça a hipótese da nossa intervenção no Casal da Cerca ter abrangido área periférica do habitat.» (*Idem, ibidem*). Estas depressões que ocorreram no perfil sul da Vala 2 (área dos ecopontos), preenchidas integralmente pelo sedimento arenoso cinzento-escuro (U.E.3), não foram por nós intervencionadas considerando que não seriam afectadas pelos trabalhos.

Nas sondagens e no total da área intervencionada, alvo do nosso acompanhamento, não foram identificados contextos preservados e estruturas antrópicas. A maioria dos materiais recolhidos concentravam-se entre a vala 1 e 2 e os prédios da Rua da Cerca e a Avenida da Liberdade, o que parece confirmar uma maior extensão do povoado para nordeste do Cine-Teatro S. João, na área urbanizada entre «(...) a Av. da Liberdade e a Av. Dr. José Celestino Godinho de Matos. Confirmámos, através da observação das valas de construção dos edifícios desta nova urbanização, a presença do nível arqueológico do Neolítico. Porém, não foi possível intervir neste local. Do extenso habitat Neolítico do Casal da Cerca, estudou-se somente uma área muito restrita e periférica, a qual, após as nossas intervenções, foi também completamente destruída e urbanizada.» (Silva e Soares, 2014:64).

Os materiais do Casal da Cerca remetem-nos para uma fase avançada do Neolítico antigo, justamente num momento em que se adensam os circuitos /rotas de média ou longa distância para o abastecimento de matérias-primas e demais produtos, e as comunidades adoptam as tecnologias inovadoras: da olaria e do polimento; da produção de alimentos; da domesticação das espécies e das primitivas práticas agro-pastoris, que seriam ainda complementadas por uma economia recolectora, cinegética e piscatória em franco declínio (*Idem, 2014*).

A presença de pedra polida é residual. Recolhemos durante a abertura da Vala 2, no nível do Neolítico antigo evolucionado, apenas um machado de pedra polida em anfíbolito, muito erodido e fragmentado. Nas primeiras escavações surgiram 21 exemplares de pedra polida e bujardada (Silva e Soares, 2014), sendo reduzida a sua ocorrência em contextos do Neolítico antigo no actual território português (Gonçalves e Sousa, 2018 e Silva e Soares, 2014).

Durante o acompanhamento arqueológico a indústria lítica recolhida é maioritariamente lamelar e em sílex (principal matéria-prima transformada). O material de preparação e reavivamento dos suportes (debitagem de sílex), alguns com tratamento térmico, indica-nos uma utilização intensiva e possível esgotamento dos núcleos. Apesar da sua escassez em Casal da Cerca, recolhemos um segmento em sílex proveniente do nível do Neolítico antigo, na vala 2.

Os suportes alongados revelam marcas/sinais de uso (Silva e Soares, 2014), também evidente em dois exemplares que recolhemos (em sílex e quartzo leitoso), que podem ter servido para o corte de herbáceas e de alguns cereais.

Na generalidade, a utensilagem é diversa e de fundo comum, nomeadamente a de corte e raspagem, pertencendo maioritariamente ao subsistema tecnológico de uso intensivo, com uma indústria pouco especializada, o que parece indicar a prática de uma economia de largo espectro (mais diversificada).



Fig. 2 – Machado de pedra polida



Fig. 3 – Indústria lítica: lamela e geométrico (Segmento) em sílex

## Património Local...



Fig.4 – Cerâmica manual decorada

A cerâmica encontra-se, de um modo geral, muito fragmentada e disforme, o que dificulta a sua classificação formal. No conjunto recolhido surgem com maior predomínio os recipientes fechados, sendo escassas as formas abertas, nomeadamente as taças. Os distintos recipientes que se caracterizam por possuírem formas simples, decoradas ou lisas têm, por vezes, associados elementos de preensão ou suspensão (asas e mamilos). No Casal da Cerca alguns exemplares têm dimensão considerável, sugerindo funções de confecção e consumo de alimentos, mas também, se associados a elementos de suspensão, ao armazenamento de produtos.

Na análise do tratamento das superfícies verificam-se: as alisadas (algumas quase polidas, dada a qualidade do alisamento), as alisadas com engobe e as que se encontram revestidas por engobe castanho claro e almagrado (aplicação rara, de tom vermelho, observada somente em dois fragmentos que recolhemos).

No conjunto ocorrem em maior percentagem as cerâmicas lisas registando-se, porém, alguns fragmentos com decoração impressa, incisa ou com elementos plásticos, que combinam, por vezes no mesmo recipiente, o uso de motivos, padrões e matrizes diversas, recorrendo em alguns casos à aplicação simultânea de todas as técnicas decorativas.

Infelizmente, os resultados da intervenção que agora publicamos comprovam as profundas alterações e destruição dos níveis arqueológicos do povoado do Casal da Cerca, causados por uma rápida e intensa expansão urbana da área nas últimas décadas do século XX, cujos estudos realizados incidiram, apenas, numa pequena e periférica parte do extenso povoado. Porém, comprovam que a prática da salvaguarda arqueológica é determinante e imperativa para preservar e recuperar informação sobre as comunidades que nos antecederam e uma herança cultural milenar.

Michelle Teixeira Santos  
Arqueóloga, Museu Municipal de Palmela  
(A autora não segue as normas do novo AO)

### Bibliografia:

- FERREIRA, F. B. (1952) – Um passo para a história de Palmela: a estação arqueológica da Cerca. *O Distrito de Setúbal*, Ano II, nº 59, pp. 1-3;  
GONÇALVES, V. S. e SOUSA, A. C. (2018) – Casas Novas, numa curva do Sorraia (no 6.º milénio a.n.e. e a seguir). *Estudos & Memórias*, 11. Lisboa: UNIARQ/FLUL, 280 p.;
- SILVA, C. T. da e SOARES, J. (2014) - O habitat do Neolítico antigo do Casal da Cerca (Palmela), in II Encontro de Arqueologia da Arrábida. Homenagem a A. I. Marques da Costa. *Setúbal Arqueológica*, Vol. 15, Setúbal: MAEDS/ADS, pp. 61-104;
- SOARES, J. e SILVA, T. C. (2008) – Povoado do Neolítico Antigo do Casal da Cerca (Palmela), in Fernandes, I. C. F. e Santos, M. T. (coord.) – *Palmela Arqueológica. Espaços. Vivências. Poderes. Roteiro da Exposição*. Palmela: Câmara Municipal de Palmela/Museu Municipal, pp. 22-25;



## Maleta Pedagógica «Hermenegildo Capelo»



No âmbito do 180.º aniversário do nascimento de Hermenegildo Capelo, o Museu de Palmela concebeu uma maleta pedagógica sobre esta personalidade, natural de Palmela.

Este novo recurso, ao dispor da Comunidade Educativa do concelho, tem como objetivo dar a conhecer um pouco mais da longa carreira de cinco décadas de Hermenegildo Carlos de Brito Capelo, que se tornou uma das maiores personalidades portuguesas da segunda metade do século XIX, juntamente com Roberto Ivens, companheiro das suas duas grandes viagens de exploração científica a

África (1877-1880 e 1884-1885) e amigo para a vida.

É inequívoco o caráter político e nacionalista das duas grandes missões de Capelo e Ivens, a África, que os catapultaram para a posição de Beneméritos da Pátria. Não obstante terem como objetivo a reclamação dos direitos históricos e capacidades coloniais de Portugal de então, foram, na prática, viagens de exploração científica. Ao longo da leitura das suas arrojadas realizações pelo interior africano, torna-se evidente que Capelo e Ivens foram os homens certos no tempo e lugar, para a tarefa que lhes fora entregue. A sua formação, experiência, cultura e conhecimentos multidisciplinares permitiram-lhes completar uma obra que não era para todos. O seu trabalho contribuiu para o conhecimento cartográfico do interior do sertão africano e enriqueceram os museus nacionais com amostras de botânica, zoologia, minerais e pequenos fósseis, algumas das quais espécies novas para a ciência.

Hermenegildo Capelo esteve também envolvido noutras duas explorações científicas, em território continental – na grande expedição à Serra da Estrela, em agosto de 1881, e à Serra do Gerês, em setembro de 1882, tendo sido, pelo que se pôde apurar, o pioneiro no estudo da meteorologia nesta última região. Ao longo da sua carreira assumiu inúmeros cargos e missões em diversas comissões e entidades. Maioritariamente, as suas funções





estiveram relacionadas com o estudo, gestão ou acompanhamento de assuntos relacionados com a Marinha e o reino, em Portugal, África e Inglaterra.

A maleta pedagógica «Hermenegildo Capelo» é composta por duas áreas distintas mas complementares: uma dirigida aos docentes e a outra dirigida aos alunos.

A parte dirigida aos docentes é constituída por um caderno pedagógico com foco na vertente histórica da vida do explorador, edição municipal, a obra completa «De Angola à Contracosta» e o primeiro volume da obra «De Benguela às Terras de Iaca», ambas de Capelo e Ivens; o livro «Exploradores Portugueses e Reis Africanos, Viagens ao Coração Africano no século XIX» de Frederico Delgado Rosa & Filipe Verde, da Esfera dos Livros, de 2013, e a publicação «As Ordens Honoríficas» do Museu da Presidência da República, 1ª ed., 2004. Conta ainda com uma *pendrive* com o documentário «De Angola à Contracosta», realizado por Álvaro Romão e produzido pela Happygénio e o «Jogo Expedição», livro interativo baseado na segunda expedição em África (1884-85), concebido pela LuduScience, Ideias e Ciências, Lda., e a Academia EduScience, Ambientes de Ensino e Aprendizagem, Lda., em edição interativa.

A área dirigida aos alunos é constituída por um caderno pedagógico com uma biografia resumida de Capelo, testemunhos da exploração científica na atualidade e propostas de atividades para serem realizadas em sala de aula. Integra também o livro-jogo «Jogo Expedição» em formato físico, bem como o livro «No coração da África Misteriosa» de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada, da Editorial Caminho, 1998, e o Livro «África, Diário da Natureza 2013» de Luísa Ferreira Nunes, edição Planeta Vivo, de 2012. Contém também o *Kit Explorador XXI*, que inclui alguns instrumentos e objetos simbólicos para a exploração e descoberta da natureza.

Este recurso pedagógico, à semelhança dos restantes recursos do Museu Municipal, poderá ser requisitado pelos docentes e trabalhado de forma autónoma ou com o apoio do Serviço Educativo, quando solicitado. As três publicações de edição municipal, em versão digital, podem ser acedidas em <https://issuu.com/museumunicipaldepalmela> ou em <https://www.cm-palmela.pt/viver/cultura/patrimonio-cultural/museu-municipal>.



## Património em documentos...

### EXPOSIÇÃO «GUERREIROS E MÁRTIRES» COM A PARTICIPAÇÃO DO MUSEU MUNICIPAL DE PALMELA

A exposição «Guerreiros e Mártires. A Cristandade e o Islão na Formação de Portugal», organizada pelo Museu Nacional de Arte Antiga (MNAA), esteve patente entre 19 de novembro de 2020 e 25 de abril de 2021.

O Museu de Palmela, através do seu sector de arqueologia, participou nesta exposição com a cedência de peças arqueológicas e de uma réplica retabular.

Joaquim Caetano e Santiago Macias, comissários da mostra, conceberam-na a partir da ideia de assinalar os 800 anos da chegada a Portugal de um grupo de franciscanos que seguiram depois o seu caminho para o Magreb, onde foram martirizados, os denominados «Mártires de Marrocos». Em torno do desenho de confronto peninsular entre cristãos e muçulmanos, sobretudo ao longo dos séculos XII e XIII, exploraram os aspectos políticos, sociais, religiosos e culturais dessa conjuntura através das expressões artísticas, literárias e dos objectos do quotidiano.

A exposição foi organizada em seis núcleos: «Portugal na Espanha Árabe»; «Viver em Tempos de Cruzada»; «Iconografia dos Mártires de Marrocos»; «Guerrear»; «Rezar»; «Identificação de um País». No primeiro, partiu-se do episódio do martírio, tema do Retábulo de S. Francisco de Évora, de Francisco Henriques, para explicar a permanência da devoção aos Santos Mártires e mostrar peças de requinte artístico de cristãos e muçulmanos, dos séculos XI-XIII. O segundo núcleo proporcionou, através de variadas peças arqueológicas de diversas proveniências, uma visão do quotidiano das populações em tempos de guerra. A representação de Palmela neste núcleo fez-se com objectos cristãos e islâmicos das escavações do castelo: canequinhas, um cântaro, dois dados de jogo, um tabuleiro de jogo *alquerque de nove*, um cantil almóada. Na secção dedicada à iconografia dos mártires, explicou-se a difusão da devoção a cargo dos franciscanos e, a partir do Mosteiro de Santa Cruz, também da iconografia. Relicários, um



Fig. 1 – Núcleo «Guerrear» da exposição do MNAA «Guerreiros e Mártires»



Fig. 2 – Núcleo «Viver em Tempos de Cruzada» da exposição do MNAA «Guerreiros e Mártires»



Fig. 3 – Núcleo «Portugal na Espanha Árabe» da exposição do MNAA «Guerreiros e Mártires»

manuscrito, obras impressas dos séculos XV a XVIII, uma pintura e várias peças escultóricas compunham este núcleo. O seguinte, intitulado «Guerrear», expressava o imparável avanço cristão para sul e com ele o mito de “Santiago Mata-Mouros”, que se prolongou no tempo. A pintura *Santiago combatendo os Mouros na Batalha de Clavijo*, do retábulo de Palmela, hoje no MNAA, foi escolhida para abrir este núcleo, a ela se juntando uma imagem de *Santiago Apóstolo e Peregrino* e a grande réplica em molde do magnífico retábulo da matriz de Santiago de Cacém, *Santiago Combatendo os Mouros*. Para além destas duas peças, foram exibidas outras provenientes do Museu de Palmela: uma insígnia da Ordem de Santiago, uma fivela de bronze dourado do período almóada e vários exemplares de armamento recolhidos em contextos arqueológicos do castelo. Na secção «Rezar» evocaram-se as três religiões do Livro, mostraram-se lápides, capitéis, amuletos, manuscritos dos Livros Sagrados, pias de abluções, tigelas e escáfulas com inscrições corânicas, entre outros. Três peças são de destacar neste núcleo: o fragmento de forro do caixão de Leonor Plantageneta; a placa de Sesimbra, em madeira, com inscrição de duas suras do Alcorão; o pendão da batalha de Navas de Tolosa, ainda que apenas em reprodução fotográfica. O último núcleo coloca em relevo a construção simbólica da identidade portuguesa como resultado da





Fig. 4 –  
Preparação  
do transporte  
da réplica  
do retábulo  
Santiago  
combatendo  
os mouros  
para o MNAA

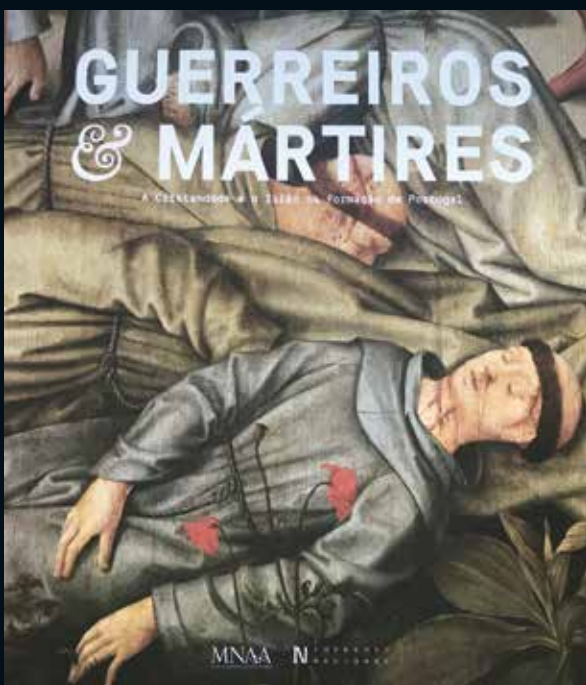


Fig. 5 – Capa do catálogo da exposição

oposição Cristandade-Islão, de que terão resultado convergências artísticas e culturais com grande expressão até ao séc. XV. Ilustrou-se esta mensagem com pinturas de Nuno Gonçalves, fragmentos de tectos mudéjares, exemplares de arte sacra e de louça dourada.

Os criadores da exposição proporcionaram ao visitante uma extraordinária viagem pela simbólica medieval peninsular, conduzindo a narrativa para o resultado das confluências e confrontos entre a Cristandade e o Islão, que ajudaram a enformar a identidade portuguesa.

Com as condicionantes impostas pela situação de pandemia, muitos terão desejado visitá-la e não o conseguiram. O excelente catálogo da exposição, editado pelo MNAA e pela Imprensa Nacional, é um recurso que recomendamos e que poderá, de algum modo, colmatar essa impossibilidade.

Isabel Cristina F. Fernandes  
Coordenadora do Gabinete  
de Estudos sobre a Ordem de Santiago  
(a autora não segue as normas do novo AO)



## Em agenda...

Até 30 de julho | Biblioteca Municipal de Palmela

### EXPOSIÇÃO «DE PALMELA AO POCEIRÃO. UMA VIAGEM ARQUEOLÓGICA»

Exposição de arqueologia do Museu Municipal, que viajará por todas as freguesias do concelho para nos dar a conhecer a longa História sobre a ocupação humana do território, através de cinco artefactos arqueológicos.

Visita gratuita sujeita às orientações da DGS e ao horário de funcionamento da Biblioteca Municipal de Palmela.

Org. Museu Municipal - Câmara Municipal de Palmela



Assinalamos o Dia Internacional da Arqueologia, em julho, com a realização de oficinas de arqueologia experimental, no enquadramento desta exposição.

Até final de janeiro de 2022 | Espaço Cidadão, Palmela

### EXPOSIÇÃO «HERMENEGILDO CAPELO, NATURALISTA»

Exposição temporária dedicada à vertente científica da obra e vida de Hermenegildo Capelo.

Visita gratuita sujeita às orientações da DGS e ao horário de funcionamento da Junta de Freguesia.

Org. Museu Municipal - Câmara Municipal de Palmela



## Publicações...

A coleção Lisboa Romana: *Felicitas Iulia Olisipo*, composta por 8 volumes, tem uma abrangência temática dedicada a vários aspetos do território e da sociedade olisiponense.

CAESSA, A. e Campos, R. (coord.) (2019) – Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*, Os Monumentos Epigráficos. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Caleidoscópio – Edições e Artes Gráficas, SA., p.175

GUERRA, A.; FREITAS, C. M. e CACHÃO, M. (coord.) (2020) – Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*, Território e Memória. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Caleidoscópio – Edições e Artes Gráficas, SA., p.156

FABIÃO, C. (coord.) (2020) – Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*. A Morfologia Urbana. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Caleidoscópio – Edições e Artes Gráficas, SA., p. 126

FERNANDES, L. e FERNANDES, P. A. (coord.) (2020) – Lisboa Romana *Felicitas Iulia Olisipo*. A Capital Urbana de um município de cidadãos romanos – espaço(s) de representação de cidadania. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa / Caleidoscópio – Edições e Artes Gráficas, SA., p. 246



MATOS, Cecilia (2021) – *E assim se fez esta Terra... Histórias de Quinta do Anjo, Palmela, Cabanas e arredores*. Palmela



22 e 23 maio | Cine-Teatro S. João  
17.º CURSO SOBRE ORDENS MILITARES

Casas das Ordens Militares  
Com consultadoria Científica do Professor Doutor Luís Filipe Oliveira (IEM – FCSH – Universidade Nova de Lisboa)  
Informações/inscrições: <https://www.cm-palmela.pt/patrimonio.cultural@cm-palmela.pt>

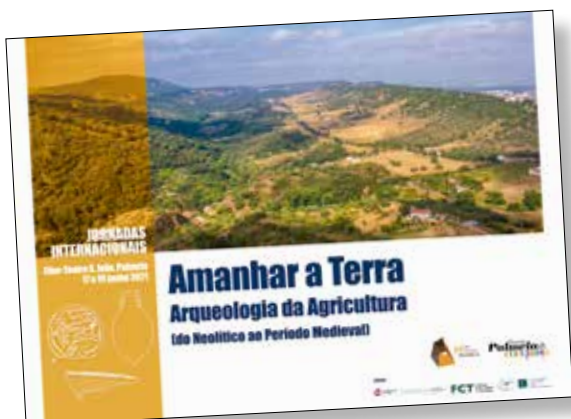
Org.: Município de Palmela | Gabinete de Estudos sobre a Ordem de Santiago (GEsOS); IEM – Instituto de Estudos Medievais – FCSH – Universidade Nova de Lisboa



17 a 19 junho | Cine-Teatro S. João  
JORNADAS INTERNACIONAIS  
AMANHAR A TERRA

O sustento do Homem está, por inerência da sua condição, ligado à terra, à água e aos produtos que elas lhe proporcionam. As materialidades da agricultura, essencialmente de proveniência arqueológica, mas também as suas dimensões económica, social e cultural, desde o Neolítico ao Período Medieval, são os principais propósitos destas jornadas.

Org.: Município de Palmela | Museu Municipal  
Informações/inscrições: <https://www.cm-palmela.pt/patrimonio.cultural@cm-palmela.pt>



## SUMÁRIO

## SUMÁRIO

### 1 | Editorial

### 2 | Em Investigação...

Uma intervenção patrimonial integrada na Igreja da Misericórdia de Palmela – A abordagem arqueológica

### 3 | Em destaque...

Serviço Educativo: Linha do tempo. 2020-2021 |Experiências em tempo(s) de confinamento

### 4 | Património local...

O Povoado Pré-Histórico do Casal da Cerca (Largo de S. João, Palmela) – Resultados da Intervenção Arqueológica de 2008

Maleta Pedagógica «Hermenegildo Capelo»

### 5 | Património concelhio em documentos...

Exposição «Guerreiros e Mártires» com a participação do Museu Municipal de Palmela

### 6 | Em agenda...

### 7 | Edições em destaque...

## CONTACTOS

Museu Municipal de Palmela – Divisão de Bibliotecas e Património Cultural (DBPC)

Câmara Municipal de Palmela

Largo do Município

2951-504 PALMELA

Telefone: 21 233 6640 | E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

## FICHA TÉCNICA

**Edição:** Câmara Municipal de Palmela | Coordenação editorial: Chefe de Divisão da DBPC | Colaboram neste número: Isabel Cristina Fernandes, Michelle Teixeira Santos, Miguel Correia, Rute Regula, Sandra Abreu Silva

**Design:** Jorge H. Ferreira

**Impressão:** Miraventos, Lda. | **Código de edição:** 262/2021 (2000 exemplares)

**ISBN:** 927-8497-27-X | **Depósito legal:** 196394/03